

## **Os Desdobramentos do Planejamento Urbanístico de Goiânia**

**Gizelly Braz Vieira dos Santos  
Maria Aparecida Andrade de Oliveira Tsu**

As mudanças que ocorreram em 1930 foi um marco para a história do Estado de Goiás modificando o cenário político e socioeconômico vigente. O planejamento que visava a construção de Goiânia, atual capital de Goiás, se desenvolveu com o olhar para o futuro. Seu crescimento foi possível devido a investimentos e a um ideal mudancista. A ocupação do seu território prosperou devido às necessidades do capitalismo em se expandir para o interior do país, e dessa forma, o Estado teve um papel importante, criando as possibilidades para seu avanço, contudo a construção de Goiânia figurou como uma dessas estratégias. Os funcionários públicos e migrantes de outros estados ocuparam os espaços da nova capital.

Com esse fluxo migratório crescente, surgiram alguns conflitos sociais também caracterizados pela necessidade de habitação para a maioria daqueles que chegavam em Goiânia. Nesse contexto, inicia-se o processo de segregação e intensificação da luta de classes que ainda hoje permanece. A infraestrutura e moradias dignas, esperada por todos para o íntegro desenvolvimento social, não alcançam toda sociedade. Sob esse cenário, esse artigo ressalta as transformações políticas, socioeconômicas e paisagísticas que deram origem ao novo espaço urbano de Goiânia.

Goiânia é uma cidade planejada que se desenvolveu sob a égide do capitalismo e possibilitou o crescimento populacional urbano. Tendo em mente a aceleração do crescimento da cidade, a ocupação do território foi incentivada pelo Estado. Os recursos para a construção planejada de Goiânia, na década de 30, também oriundos do governo federal, capital esse, conseguido pelo interventor Pedro Ludovico Teixeira em parceria com aquele. Sob esse prisma, Oliveira (2008, p. 6) ressalta que: “O planejamento, a organização, a disposição de recursos e as construções foram exercidos pelo Estado, que dispôs de serviços de empresas particulares atuando sob seu controle”.

Oliveira (2008) ressalta que essa característica marca um período da história caracterizado por ele como desenvolvimentismo, que prevaleceu nas cidades planejadas. O projeto urbanístico iniciado por Atilio Corrêa Lima caracterizava fortemente a influência do urbanismo francês, mas posteriormente o urbanista pioneiro foi substituído por Armando de Godói que adotou, segundo Daher (2009), o modelo das cidades-jardim

inglesas.

O conceito de cidades-jardim de acordo com Daher (2009) se deve a influências de Camillo Sitte<sup>22</sup> que teve como referência Ebenezer Howard<sup>23</sup>, criador dessa característica. Mas Sitte buscou referência histórica na Idade Média, que em sua concepção esse período possuía um exemplo de cidade e sociedade, enfocando a escala humana do espaço físico, a preocupação com a estética, com o ser humano, em detrimento dos objetivos econômicos, qualidades não consideradas nas cidades modernas.

Nessa perspectiva, a influência das características de Sitte e Howard não se estendeu plenamente no planejamento urbanístico capitalista de Goiânia. A preocupação com o ser humano era limitada a grupos sociais específicos integrados por políticos e profissionais envolvidos diretamente no projeto. A população, que chegava na cidade, se abrigava em habitações precárias sem as mínimas condições de higiene e serviços básicos para o pleno desenvolvimento do ser humano.

Daher (2009) afirma que para Howard a industrialização levou para as grandes metrópoles a decadência devido o surgimento da poluição do meio ambiente, baixa qualidade de vida e alto custo para manter as necessidades básicas de sobrevivência. Em contrapartida, a vida no campo tinha também suas desvantagens caracterizadas por baixos salários, desemprego, terras improdutivas e restritas áreas de lazer. Para Howard a cidade ideal deveria ser um complemento das vantagens do mundo rural e do mundo urbano. Contudo, Goiânia foi produto do capitalismo, construída para determinados grupos sociais privilegiados e segregando grupos desfavorecidos. Nesse período, com o avanço do capitalismo o campo passou a ser mais um meio de reprodução.

Após o período de planejamento e construção, Goiânia foi crescendo e tomando outra forma, não caracterizando o projeto idealizado por seus criadores, Atilio Corrêa Lima e Armando de Godói. A ocupação anteriormente estabelecida pelo projeto urbanístico pioneiro foi respeitada apenas inicialmente e determinados grupos sociais se estabeleceram na região central enquanto outros grupos menos favorecidos ocuparam as regiões mais afastadas e desprovidas de serviços básicos necessários ao pleno

---

<sup>22</sup> O arquiteto austríaco Camillo Sitte (1843-1903) exerceu influência nos autores com modelo de cidades jardim [...] Sitte aconselhava a necessidade de estudar a cidade sob todos os aspectos, antes de propor um projeto e sua extensão, como a sua economia, geografia, história e etc. (DAHER, 2009, p. 78)

<sup>23</sup> Ebenezer Howard (1850-1928) criou as cidades jardim no início do século XX, na Inglaterra. Ele não era urbanista, mas contou com a ajuda de profissionais da área para projetar várias cidades, segundo suas teorias. (Idem, p.78)

desenvolvimento. Sob esse prisma, na ocupação do espaço da nova capital, Pastore (1984) *apud* Oliveira (2008, p. 7) afirma que:

Há durante esse período uma diferenciação nos padrões de parcelamento. De um lado surgem os loteamentos visando um mercado de maior renda, de outro, aqueles destinados às populações de renda média e baixa. Os primeiros apresentando lotes maiores, mais bem situados em relação ao centro da cidade, cotados de avenidas largas com amplos espaços de praças e áreas de uso institucional e, para os demais loteamentos podem ser observados: a redução da área dos lotes, situação desfavorável seja pela distância, seja pelas barreiras de acesso [...] o seu desenho se diferenciará apresentando vias de largura média em formato de malha simples enquanto os primeiros apresentavam ainda influências do projeto de Atílio Corrêa Lima.

Para Daher (2009), Godói desestruturou a ideia de expansão idealizada por Atílio, pois fixou o espaço de Goiânia dentro de um perímetro fechado limitando sua população e desestruturando a ideia de expansão da cidade. Apesar da tentativa de desestruturação do crescimento demográfico citado por Daher (2009) isso não impediu a real expansão populacional. O traçado do Setor Sul, por exemplo, apresenta-se desconectado do projeto pioneiro que tinha um desenho claro e funcional, com ruas de grande circulação e outras somente para acesso dos moradores. A autora enfatiza ainda que:

Godói não entendeu o significado da cidade-jardim, muito maior que um simples traçado físico. Ele não teve a lucidez de prever que a realidade econômica, social, e política não admitiriam essa proposta. Consequentemente, o seu traçado físico não teria êxito, pois só sobreviveria no espaço se fosse assegurado pela sociedade idealizada por Howard (DAHER, 2009, p. 84).

O crescimento e desenvolvimento da nova capital impulsionou o êxodo rural e Goiânia passou a receber um número significativo de migrantes, ocasionando um aumento populacional na década de 1960 em 153,9% (OLIVEIRA, 2008).

Com o crescimento contínuo da população goianiense caracterizada pela migração para o espaço urbano da nova capital, a demanda por espaço e moradia se intensificou. Com isso, houve a intervenção do Estado através da legislação para o desenvolvimento de novas construções, assim o capital imobiliário desloca o seu olhar para o entorno de Goiânia, intensificando o desenvolvimento e crescimento de outras cidades. Freitas (2007, p. 8) destaca que:

O crescimento da Região Metropolitana como um todo está diretamente relacionado com a expansão de Goiânia, principalmente entre o início da década de 1970, já se começam a sentir sinais de esgotamento. E como a legislação em Goiânia criou maiores dificuldades para o parcelamento do solo na capital, grande parte do

capital imobiliário se deslocou para o entorno da capital, principalmente para Aparecida de Goiânia.

Com a ocupação do território, houve o parcelamento do solo constituindo uma segregação social no espaço urbano acentuando a exclusão da população de baixa renda, pois os migrantes não tinham condições de adquirir as construções que caracterizavam o desenvolvimento urbano. Esse processo de exclusão se reafirma na contemporaneidade com mais intensidade, causando assim, os conflitos sociais urbanos.

Para diminuir esses conflitos faz-se necessário um planejamento urbano conectado de forma intensiva com políticas de desenvolvimento regional que tenha como objetivo primordial, minimizar as desigualdades regionais diminuindo o fluxo migratório para as metrópoles brasileiras (FREITAS, 2007).

Apesar de ser uma cidade planejada, Goiânia convive com problemas típicos de uma capital que não foi construída através de tal planejamento. Devido ao crescimento populacional, a cidade apresenta conflitos nos espaços urbanos caracterizados pela habitação. As áreas ocupadas na região central ou bairros em que a infraestrutura, asfalto, esgoto, saúde, educação, transporte público, escolas, praças, iluminação, alcança seus moradores encontram-se superpovoadas, contudo, os bairros mais afastados dessas regiões vão se multiplicando mesmo não disponibilizando uma infraestrutura básica de atendimento às necessidades essenciais ao desenvolvimento humano.

Maricato (1997) ressalta que ao se comprar uma casa, o novo proprietário também compra a oportunidade de acesso aos serviços disponíveis e toda infraestrutura da região em que a casa se localiza. Sob esse prisma, há a variação de preços entre uma região e outra, assim, os locais que oferecem maior infraestrutura cobram indiretamente pela facilidade de acesso a esses serviços.

Após a transferência da capital para Goiânia, a cidade passou a ser o centro político administrativo, portanto, muitos funcionários públicos vieram morar na nova capital. Segundo Valva (2001) entre a Avenida Paranaíba e a Estação Ferroviária foi construído o Bairro Popular que era constituído de casas simples, com a presença de jardins na frente da residência possibilitando a aproximação do espaço público no convívio particular. A autora afirma ainda que hoje a paisagem está modificada percebendo-se apenas vestígios da proposta anteriormente construída.

A ocupação do espaço de Goiânia foi formada inicialmente por funcionários públicos, comerciantes, operários da construção civil e especuladores imobiliários. O

crescimento populacional superou a previsão dos 50 mil habitantes em um espaço de 30 anos no projeto urbanístico apresentado. O fluxo migratório aumenta e na década de 1950, se intensifica com a migração de populações vindas dos estados de Minas Gerais, Bahia e Nordeste. Já na década de 60, a população chegou a 150.000 mil habitantes devido à nova realidade econômica brasileira e as consequências em Goiás. Nesse cenário, com o desenvolvimento do Estado e com a política de interiorização do presidente Getúlio Vargas a população continuou a crescer (VALVA, 2001).

Devido ao crescimento populacional e a expansão do capitalismo, a sociedade vai se moldando e adaptando às novas realidades que vão surgindo, contudo, há um processo de exclusão característico também em outras cidades. Nesse aspecto, torna-se inviável a manutenção das ideias de seus criadores. O crescimento da marginalidade e violência vinculam os moradores a se protegerem, dessa forma, os antigos e idealizados jardins do plano inicial, cedem lugar a altos muros, descaracterizando o projeto inicial, demonstrando assim, que os interesses do capital imobiliário ia se expandindo, com uma demonstração de preocupação com a propriedade privada, uma vez que os muros expressam o cercamento de uma propriedade e expressão das classes sociais existentes. Nesse raciocínio, Valva (2001) ressalta que devido ao desenvolvimento e crescimento vai se formando na cidade o convívio com o medo e com a violência.

Quanto ao aspecto econômico atual, Goiânia se integra ao setor terciário, caracterizado pela prestação de serviços e, segundo Valva (2001), de 1964 a 1975, Goiânia consolidou-se como centro administrativo, comercial, financeiro e de serviços, caracterizando um período de expansão do capitalismo. Ainda segundo a autora, o comércio e o setor de serviços tornaram-se as maiores fontes de emprego em consequência da produção agrícola e industrial que se desenvolvia aqui, demonstrando que houve uma intensificação da exploração das classes oprimidas na história de Goiânia.

Hoje, com uma população de aproximadamente 1.302.001 habitantes segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), seu espaço urbano é constituído por novas paisagens que caracterizam um novo período marcado por mudanças e transformações constantes.

Apesar de ter sido construída com características de cidade-jardim e ter se desvinculado esteticamente do projeto inicial, relacionado a jardins na frente das construções residenciais, Goiânia ainda é constituída de áreas verdes públicas que

buscam resgatar a tranquilidade do meio rural, contudo, essas áreas são elitizadas e frequentadas por grupos sociais privilegiados, enquanto a grande massa populacional é destituída de locais para lazer. A paisagem natural é utilizada como um refúgio do stress da vida moderna, o que cria uma falsa sensação de qualidade de vida, já que as relações sociais que provocam o descontentamento social continuam existindo, em detrimento da paisagem, em contrapartida, essas áreas também são utilizadas como um fator de valorização de determinadas áreas da capital, constituindo, mais uma vez, a segregação de alguns grupos sociais. Moreira e Silva (2012, p. 244) afirmam que:

A administração pública de Goiânia coloca a implantação de parques urbanos na capital como uma contribuição para a melhoria da qualidade de vida dos moradores. No entanto, o Plano de Arborização manifesta o interesse da implantação desses espaços para a valorização do solo urbano.

O centro de Goiânia é constituído pelo comércio e por moradias estruturadas há décadas. Alguns prédios edificadas no início da construção da capital e que foram tombados, hoje, abrigam agências bancárias e o comércio de forma geral.

O Grande Hotel de Goiânia, onde funcionava a Secretaria Municipal de Cultura e oferecia cursos relacionados às expressões culturais como balé, aulas de teclado, violão, dança de salão, entre outros, hoje abriga uma unidade de atendimento vinculada à Secretaria, mas atualmente não oferece os cursos citados anteriormente, não tendo data prevista para a retomada das atividades. A diversificação de manifestações culturais e o desenvolvimento contemporâneo permitem a integração do passado com o presente, demonstrando que assim como no pretérito, na atualidade as relações sociais estabelecidas seguem os interesses do capital.

Depois da descaracterização do plano inicial, a cidade assemelhou-se a outros lugares. A heterogeneidade atual da paisagem goianiense reproduz formas cores e conflitos existentes também em outras localidades, como se formasse então uma paisagem global (VALVA, 2001).

Outra leitura também pode ser feita desse cenário. No centro da nova capital há o contraste do desenvolvimento econômico esperado e idealizado na década de 1930, período esse, marcado por fortes transformações em Goiás. Por outro lado, prédios históricos tombados buscam resgatar partes da história da construção de Goiânia, cujo patrimônio arquitetônico é uma estratégia do Estado para reproduzir a história demarcada pelo conflito entre as classes privilegiadas e as classes menos favorecidas.

Caso essas ações fossem desenvolvidas, provavelmente haveria maior

assimilação quanto à leitura que pode ser feita dos prédios que compõem o cenário da região central da capital. Assim, esse patrimônio poderia integrar uma rota turística até então adormecida atualmente. Para Portuguez (2004, p.3) “Pensar o espaço turístico a partir de suas formas arquitetônicas antigas significa um esforço de interpretação do mundo vivido pelos grupos sociais que antecederam a vida moderna [...]”.

O tombamento, desses prédios, objetiva o resgate, a rememoração coletiva sobre os aspectos políticos e socioeconômicos que envolveram o processo da construção da atual capital, ao mesmo tempo em que as dinâmicas, que envolvem a vida dos cidadãos da contemporaneidade, refletem o desejo do contínuo desenvolvimento e a inserção no contexto atualizado, dinâmico e promissor espelhado nas grandes metrópoles brasileiras, reforçando o desejo de se integrar e participar do processo global que unem as grandes capitais, tendo como referência, os interesses do capital.

### Referências Bibliográficas

- DAHER, Tânia. O projeto original de Goiânia. *Revista UFG*, v. 11, n. 6, jun. 2009. Disponível em: [http://www.proec.ufg.br/revista\\_ufg/junho2009/projetooriginal.pdf](http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/junho2009/projetooriginal.pdf). Acesso: 19 abr. 2013
- FREITAS, César Augustus Labre Lemos de. *Movimentos sociais urbanos, estado e capital imobiliário em Goiânia*. 2007. Disponível em: [www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com](http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com) Acesso: 19 abr. 2013
- GRANDE Hotel oferece cursos nas áreas de música, teatro, dança e cinema. Disponível em: <http://www.jornalreporter.com.br/post/633/goiania-e-entorno/grande-hotel-oferece-cursos-nas-areas-de-musica-teatro-danca-e-cinema> Acesso: 19 abr. 2013.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Goiânia: dados básicos*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=520870>. Acesso: 22 abr. 2013
- MARICATO, Ermínia. Habitação e cidade. . *Revista Espaço & Debate*. São Paulo: Atual 1997.
- MOREIRA, Jorgeanny de Fátima Rodrigues; SILVA, Clarinda Aparecida da. Paisagem urbana e áreas verdes: contexto dos parques urbanos de Goiânia. *Revista B. goiano geogr.*, v. 32, n. 2, jul/dez, p. 239 – 254. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/bgg/article/view/21090/13157> . Acesso: 19 abr.

2013.

OLIVEIRA, Adão Francisco de. *A reprodução do espaço urbano de Goiânia: uma cidade para o capital*. 2008. Disponível em: [http://observatoriogeogoiias.iesa.ufg.br/uploads/215/original\\_Oliveira\\_ad\\_o\\_francisco\\_reproducao\\_espaco\\_o.pdf](http://observatoriogeogoiias.iesa.ufg.br/uploads/215/original_Oliveira_ad_o_francisco_reproducao_espaco_o.pdf). Acesso: 16 de abr. 2013

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Turismo, planejamento socioespacial e Patrimônio Histórico-Cultural. In: *Turismo, Memória e Patrimônio Cultural*. São Paulo: Roca, 2004.

VALVA, Milena D'ayala. *Do sertão que quer ser cidade: Goiânia e a paisagem social*. (Dissertação de mestrado). UFMG. Escola de arquitetura, 2001.

### **Gizelly Braz Vieira dos Santos**

Tecnóloga em Turismo pelo CEFET-GO, Especialista em História Cultura pela UFG e aluna especial do mestrado Territórios e Expressões Culturais no Cerrado. TECCER-UEG.

E-mail: [gizabraz@hotmail.com](mailto:gizabraz@hotmail.com).

### **Maria Aparecida Andrade de Oliveira Tsu**

Graduada em Biblioteconomia pela UFG e Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela UEG.

E-mail: [cidatsu@hotmail.com](mailto:cidatsu@hotmail.com).